

LIÇÕES DO HAITI

Antônio Álvares da Silva

Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

A destruição do Haiti foi total. Até agora, há confirmação oficial de 150 mil mortos. A previsão é que chegue a 200 mil. O país se desestruturou por completo. A sede do governo foi derrubada. Não se sabe quantos servidores públicos estão vivos para tocar a máquina. Temos um exemplo raro de nação sem Estado.

A recomposição deste pequeno país, pobre e infeliz, é obrigação da humanidade. Todos têm o dever moral de ajudar. E esta ajuda não tem faltado. Isto conforta, porque o ser humano fica a cada dia mais egoísta e fechado em torno de si mesmo. Somos capazes de rodar o mundo em poucos segundos pela Internet, mas não conhecemos o vizinho do lado e não prestamos ajuda aos necessitados que existem em nosso país, quase na mesma situação dos haitianos.

A reconstrução do Haiti oferece oportunidade para novas reflexões e podem dar oportunidade a formas inovadoras de relacionamento entre nações, abrindo promissoras perspectivas ao Direito Internacional.

Os movimentos de independência, que foram uma das características do século passado, tornaram vários países livres do jugo político, mas sem condições econômicas de usar a liberdade. Instituíram a pobreza coletiva e, para agravar a situação, empenharam-se em lutas armadas internas, que arruinaram o pouco que ainda tinham. Ficou assim mais uma vez demonstrado que a força das armas nada constrói de bom e definitivo. Nunca será por ela que chegaremos a algum resultado positivo para a humanidade.

A solidariedade universal com o Haiti abre caminho para uma nova forma de ajuda aos países pobres. Hoje, ela se faz indiretamente por meio de ajudas oficiais ou de ONGs. Mas o dinheiro chega e some na corrupção, na guerra e incapacidade locais. É preciso abrir outra via.

Fala-se num novo Plano Marshall para o Haiti. Mas devemos ir além. Na Europa, nos Estados Unidos e no Japão e também em parte da Ásia e da América do Sul, há um imenso batalhão de gente capaz que

presta serviços voluntários a ONGs e a outras entidades filantrópicas. Nas universidades, professores cultos e competentes, donos do conhecimento mais atual do mundo em suas especialidades, nunca se negaram a levar aos povos as conquistas de seu espírito e as invenções de sua inteligência. Não há egoísmo quando se trata de divulgar conhecimento. Muitos jovens qualificados estão sem emprego. Querem e precisam trabalhar.

Por que não mobilizar todo este pessoal e empenhá-lo em ajuda humanitária aos países em desenvolvimento ou destruídos por fenômenos naturais ou guerras civis? O essencial é um entendimento com as lideranças locais para que a ajuda não pareça uma invasão, mas um trabalho conjunto. O governo local abriria suas portas. A ajuda seria executada pelos próprios doadores que fiscalizariam a aplicação do dinheiro. O trabalho conjunto transferiria o conhecimento técnico automaticamente à mão-de-obra local. Os de maior capacidade seriam convidados para freqüentar as universidades dos países colaboradores. Haveria uma formação de técnicos de nível superior, capazes de uma atuação permanente.

Depois de cumprido um estágio em que se assegurassem estruturas razoáveis de governabilidade, a transferência plena do Poder se faria gradualmente ao país ajudado, até que pudesse assumir sozinho a responsabilidade que lhe cabe.

Em vez de invasões e guerras, como acontece hoje no Afeganistão e no Irã, haveria, ao contrário, mobilização de pessoas qualificadas para um trabalho conjunto e salvador.

O Haiti pode ser o começo desta experiência. O mundo é rico. A divisão da riqueza é que não existe. Não se há de esperar que países atrasados superem o círculo do subdesenvolvimento. Quem consolidou a estabilidade econômica nos dois últimos séculos continuará rico. E quem nada obteve continuará pobre para sempre. A proporção do desenvolvimento é geométrica. Quando os países pobres conquistam uma posição, os países ricos já estão em outro estágio, muito à frente. E a distância permanece sem nunca ser superada.

Por isto, pensa-se hoje nesta ajuda qualificada, prestada com inteligência e critério às nações pobres que se dispusessem a abrir-se à nova experiência.

Com um trabalho conjunto, este imenso fosso pode ser diminuído. Não se há de esperar que todos os países em desenvolvimento vão se tornar primeiro mundo. Mas, pelo menos, terão como se manter por conta própria e fornecer vida digna e melhor a seus cidadãos.

A humanidade nunca ganhou nada com a divisão entre países. Fronteiras são símbolos. O homem é integral e único onde quer que haja o dom da vida. Partilhar destinos comuns com um mínimo de felicidade e bem-estar é uma obrigação ética de todo ser humano com seu próximo e de todo país com seu vizinho.

A realização do homem na História tem sido difícil e tormentosa. Há muito mais sofrimento do que alegria. Porém as causas estão em nós mesmos. Na natureza não há guerra, diferenças sociais, desemprego e poluição. Se criamos estes males, a nós nos cabe removê-los. Em nossas mãos está o destino que podemos traçar para o futuro da sociedade humana.

Somos demais experientes para não esperar que se faça na terra o paraíso. Mas há muita dor que podemos aliviar. E basta isto para mantermos acesa a esperança de construir um mundo melhor.